



**Ensino Secundário:
a 'alunização' e as
suas contradições
internas**

No âmbito de um estudo sobre a população do Ensino Secundário (Projeto JOVALES, Jovens, Alunos, Ensino Secundário), visando pôr em evidência a forma como os alunos representam para si a Escola na sua relação com a vida e com o seu futuro, demos conta de alguns resultados que talvez seja oportuno trazer aqui como objeto de reflexão.

Partindo de um referencial teórico sustentado na subjetivização da experiência vivida e na desinstitucionalização crescente das formas de vida, e dispondo de um campo empírico relativamente amplo, admitimos que a atual população do Secundário se confronta com o mundo escolar segundo uma tripla modalidade de relação: identificação, inovação/experimentação e estranheza/exclusão.

A primeira será aquela que caracteriza a fração estudantil que mais próxima está da Escola, quer por razões de herança cultural, quer por força de um processo de socialização familiar e escolar onde as expectativas de futuro estão estreitamente ligadas ao sucesso escolar. Digamos que esta fração é habitada por uma espécie de alunos que podemos designar *alunos naturais*, no sentido de que o seu processo de *alunização* decorreu *naturalmente*, isto é, a natureza cedeu simplesmente o seu lugar à Escola. É exemplar a este respeito um extrato de entrevista como este: *Quando não gosto (de alguma disciplina) tento trabalhar mais do que quando gosto, porque quando gosto, quando percebo, não preciso ou mesmo estudo um bocado menos porque já percebo, então estudo mais para tentar manter as notas como se gostasse.*

O trajeto escolar desta classe de alunos, que assenta numa profunda disposição interior para o autodomínio dos impulsos pessoais, como forma de autorrealização futura, caracteriza-se por uma grande fidelidade ao modelo cognitivo da Escola que supõe uma permanente capacidade de acumulação e reprodução do objeto de estudo, independentemente do significado subjetivo que lhe seja atribuído pelo aluno. Para quem vive de perto a realidade escolar dos nossos

dias, esta classe de alunos relativamente homogénea é cada vez mais reduzida, dando lugar, por sua vez, a manchas juvenis cada vez mais vastas e complexas que se organizam entre si, no interior das escolas, de forma muito autónoma e segundo movimentos bastante imprevisíveis.

Experimentação e estranheza. A rápida expansão do acesso ao Secundário traduziu-se em vagas de jovens a caminho das escolas, sem que seja muito claro para a grande maioria deles como dar sentido ao seu trabalho. Para uma boa parte desta população, a passagem do 10º ao 11º ano é fatal. Em certos meios, quase 50% confronta-se com o insucesso e 40% abandonam a escola.

É neste contexto que falamos de inovação e de experimentação social e escolar e por tal expressão entendemos um processo, difuso e flutuante, de vivências de situações que se consideram indispensáveis ao trabalho de *alunização* que grande parte da população portuguesa, correspondente aos segmentos mais recentes da escolaridade obrigatória, não cumpriu. Retenhamos aqui que a relação de uma boa parte das famílias portuguesas com a Escola é bastante precária. Eugénia Rosa, em 2005, afirmava que 65% dos portugueses entre 25 e 34 anos tinham o Ensino Básico ou menos, o que não favorece de modo nenhum a criação de disposições positivas relativamente à mensagem escolar.

Ora, se neste contexto, a tendência dos jovens para a experimentação de si face aos novos papéis que a Escola propõe é inevitável e até desejável, essa experimentação confronta-se, paradoxalmente, com a sua própria negação: por um lado, a tendência da instituição escolar é limitá-la à medida da sua própria conveniência (o que anula a própria experimentação); por outro, ao ser reprimida, a experimentação torna-se clandestina e, como tal, marginal ao próprio mundo da Escola. É por esta via que a alternativa à experimentação é o culto da contradição, a construção da estranheza, uma modalidade de relação que tende a exprimir-se no não reconhecimento mútuo entre o mundo do eu que ainda não é aluno, ou nunca chegará a sê-lo, e o mundo da Escola.

Manuel Matos